

DOENÇA MENTAL: OPINIÃO E CRENÇAS DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM E PSICOLOGIA

Maria Júlia Costa Marques Martinho
José Carlos Marques de Carvalho;
Graça Maria Ferreira Pimenta;
Isilda Maria Oliveira Carvalho Ribeiro
EIXO: Inclusão e Acessibilidade
CATEGORIA: Pôster Comentado (X)

Introdução: Enquanto profissionais de saúde na área da docência com a missão de desenvolver a excelência no âmbito das competências e modelos inovadores na assistência em saúde, consideramos fundamental, conhecer as “opiniões – crenças” dos parceiros envolvidos no processo saúde- doença, por forma, a desenvolver intervenções que deem resposta às suas necessidades promovam interação e mudanças que suscitem maior satisfação, acessibilidade e menores custos.

Entendemos que a falta de conhecimento associada ao desenvolvimento de atitudes negativas potencializa visões muito próprias do processo de doença que podem ser dificultadoras de inclusão, tomada de decisão partilhada, autogestão e autorresponsabilização.

O estigma é um fenômeno social complexo e poderoso que influencia o curso da doença e marginaliza populações. De acordo com os modelos psicossociais a geração de estigma é uma consequência de três aspetos: a falta de conhecimento sobre a condição da pessoa (ignorância), o desenvolvimento de atitudes negativas (preconceito) e uma tendência a excluir ou rejeitar alguns indivíduos (discriminação). Embora seja razoável prever que as atitudes de estigmatização são mais comuns entre as pessoas com baixos níveis culturais, muitos estudos têm demonstrado que, este problema também está presente em muitos profissionais de saúde (Ordan et al., 2018).

O estigma associado ao diagnóstico de doença mental é bem conhecido, mas não diminuiu significativamente nos últimos anos. A investigação na atualidade tem-se concentrado principalmente no estigma público em relação a indivíduos com doença mental, intervenções para reduzir o estigma da doença mental entre os alunos e como o estigma da doença mental afeta a procura de ajuda e o envolvimento no tratamento entre pacientes com doença mental (Moxham et al, 2017). A saúde mental é uma preocupação global. Quase um bilhão de pessoas têm uma doença mental (WHO, 2018). As atitudes negativas dos profissionais de saúde face à doença e pessoas com doença mental agravam esta problemática pois pode resultar em desigualdade no acesso, tratamento e resultados.

A literatura tem demonstrado que os alunos de psicologia não diferem de estudantes de medicina e/ou enfermagem, no que diz respeito aos seus estereótipos, acreditando a maioria que as pessoas com problemas de saúde mental eram imprevisíveis, anti-sociais e perigosas.

Este estudo tem como **objetivo**: analisar comparativamente as crenças dos estudantes de enfermagem e de psicologia sobre os doentes e doenças mentais.

Metodologia: Estudo quantitativo, transversal, descritivo. A amostra foi não probabilística intencional constituída por 112 alunos do curso de licenciatura de enfermagem, da região norte de Portugal. A recolha de dados realizou-se através de um questionário online (questões sociodemográficas e o Inventário de crenças sobre a doença e doentes mentais e o de opiniões acerca da doença mental (Loureiro,2008) aplicado através da plataforma do facebook sendo o seu preenchimento voluntario. Este estudo tem parecer favorável da Comissão Ética da Escola Superior de Enfermagem do Porto (fluxo 2017/2185).

Resultados: 87,2% sexo feminino, idades compreendidas 18 e os 51 anos com uma media 20,6 anos, s=9,13, 5,4% são casados. 4,8% já trabalharam na área de saúde.

Verificamos que não há diferença estatisticamente significativa relativamente ao sexo, à idade e ao fato de ter trabalhado em instituição de saúde e às crenças e opiniões acerca do doente e doenças mentais. Relativamente às crenças verificamos discrepâncias nos scores médios nas subescalas Periculosidade, incurabilidade que são mais elevados e na subescala reconhecimento da doença que são mais baixos nos estudantes de psicologia relativamente aos de enfermagem. Analogamente também se verificam scores médios mais elevados nas subescalas autoritarismo e restrição social revelando atitudes mais estigmatizantes nas estudantes de psicologia do sexo feminino com mais idade. Estes resultados apontam para crenças que assentam numa visão estigmatizante da doença mental, com crenças relativas ao carácter crónico e incurável das doenças, indicando também crença na periculosidade do doente como tem sido encontrado em outros estudos. É plausível que as diferenças de formação e educação recebidas por estudantes de psicologia e estudantes de enfermagem tenham dado origem a esta diferença observada. Sendo de notar que os estudantes que referiram ter experiência pessoal com doença mental, na família ou amigos têm scores mais baixos nas subescalas Periculosidade, incurabilidade e restrição social.

Conclusões: O impacto negativo do estigma sobre as pessoas que vivem com doença mental, é muitas vezes perpetuado por profissionais de saúde, razão pela qual se torna substancial explorar como diminuir as atitudes estigmatizantes nos futuros profissionais de saúde. É de salientar que vários estudos referem, que as estratégias educacionais, têm resultados mais positivos quando associados ao contacto direto com o doente mental, razão que pode explicar as diferenças encontradas, já que os estudantes de enfermagem têm um contacto mais precoce com os ensinamentos clínicos. A qualidade e duração da experiência clínica, associados à prestação de apoio docente e ao envolvimento ativo no atendimento ao paciente têm um impacto na mudança de atitudes. As atitudes positivas em relação às pessoas com doença mental, podem ajudar a melhorar os resultados do tratamento e a satisfação no contexto de saúde mental, estimulando o interesse dos estudantes pela área.

Palavras-Chave: Estigma social; Ensino, profissional de saúde.

REFERÊNCIAS:

LOUREIRO, et al. Crenças e atitudes acerca das doenças e dos doentes mentais: Contributos para o estudo das representações sociais da loucura. **Revista de Enfermagem Referência**, Coimbra, v.2, n.8, p. 33–44, 2018.

MOXHAM L, et al. Can a clinical placement influence stigma? An analysis of measures of social distance. **Nurse Educ Today**, Amsterdam, n.44, p. 170–4, 2017.

Ordan R, et al. Nurses' professional stigma and attitudes towards postpartum women with severe mental illness. **J Clin Nurs.**, v.27, n.7-8, p.1543-1551, 2018.

WHO. **World Health Statistics 2018: monitoring health for the SDGs, sustainable development goals.** Geneva: World Health Organization, 2018. Disponível em:

<http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/272596/9789241565585-eng.pdf?ua=1>

Acesso em: 29 jun.2021.